

BULLYING EM TORCIDAS UNIVERSITÁRIAS: O QUE PENSAM LICENCIANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA?*

BULLYING IN UNIVERSITY TWISTED: WHAT DO PHYSICAL EDUCATION STUDENTS THINK?

BULLYING EM TORCIDAS UNIVERSITARIAS: QUÉ PENSAM ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN FÍSICA?

Monique Corte

moniquecorte@gmail.com

Michele Pereira de Souza da Fonseca

michelepsz22@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

PALAVRAS-CHAVE: *Formação Docente; Bullying, Torcida*

INTRODUÇÃO

Um dos desafios atuais do fazer docente é a violência escolar (MALTA *et. al.*, 2010) que precisa ser discutida durante a formação. Fonseca (2014) admite a preocupação de que a formação docente se dê na/ para diversidade, onde a dialética da inclusão/exclusão está presente cotidianamente tanto na universidade enquanto estudante, quanto na sua atuação como professor.

Apoiamo-nos numa perspectiva ampla e dialética de inclusão a fim de reduzir as pressões excludentes que ocorrem independente de deficiências, religião, rendimento, etnia, classe, gênero, estrutura familiar, sexualidade ou estilo de vida (SAWAIA, 2014; BOOTH E AINSCOW, 2012). Assim, temos o objetivo de investigar a percepção de *bullying* e violência nas torcidas dos eventos esportivos universitários, por professores de Educação Física em formação no curso de Licenciatura da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD-UFRJ).



* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como teórico-empírica. Utilizou-se um questionário como instrumento de coleta de dados, previamente validado por dois pesquisadores da área e disponibilizado em plataformas da EEFD-UFRJ, contendo 11 perguntas. Os sujeitos pesquisados foram 40 estudantes de Licenciatura em Educação Física a partir do 2º período, que se disponibilizaram voluntariamente em responder o instrumento. As respostas foram categorizadas de acordo com o que sugere Bardin (2016) como pós-definidas no modelo aberto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um questionário foi descartado porque já havia concluído o curso. Os respondentes tem entre 18 e 37 anos (do 2º ao 16º período), 12 declarados do gênero masculino e 25 do gênero feminino.

Quando questionados se já haviam participado de eventos esportivos relacionados à Universidade, 84,2% (32) já haviam participado como torcedor, 55,3% (21) como atleta, 10,5% (4) como componente de comissão técnica e 13,2% (5) nunca participaram de eventos dessa natureza.

Um dos principais resultados era a contradição entre as respostas. Quando perguntados sobre a função da torcida num evento esportivo, a maioria das respostas (36) usavam palavras como “apoiar”, “incentivar” e “motivar” seu próprio time. Ao mesmo tempo, quando perguntados se acreditavam já terem agredido alguém de alguma forma enquanto torciam, também a maioria (21) responderam que sim, seja com insultos, xingamentos, gestos obscenos, comportamentos antidesportivos e músicas ofensivas.

Quando perguntados se os estudantes identificavam nas disciplinas já cursadas algum tipo de discussão sobre agressividade/*bullying* nas torcidas, 37 negaram de forma veemente. Entretanto, ao serem perguntados se enquanto professores sentem-se preparados para atuar em situações de *bullying*, 51,3% (20) respondem que sim e 48,7% (19) não. Esse dado nos faz refletir sobre em que se baseia essa preparação? Como podem estar preparados se não discutem esse assunto em nenhum momento formativo?

O questionário se encerra interpelando e provocando acerca do que difere as atitudes seja como professor e como torcedor e 13 defendem que enquanto professor existe uma responsabilidade maior do que como torcedor, enquanto 10 se posicionam crendo que não deve haver diferenciação entre as posturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo aponta para uma percepção conflitante entre licenciandos, enquanto admitem praticar atos ofensivos na torcida e não discutirem esse tema no currículo de formação inicial, entendem que estão aptos a lidar com a questão do *bullying* em suas futuras práticas docentes. Há também um não entendimento acerca do esporte universitário como um momento formativo, assim como são as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Esse distanciamento pode ser explicado pela forma como o currículo está proposto, que não convida o estudante a perceber desde o primeiro período que todas as situações estão formando-o como professor.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016
- BOOTH, T; AINSCOW, M. *Index Para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola*. RJ, LaPEADE, 2012
- FONSECA, M. *Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal*. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.
- MALTA, D. et al. *Bullying nas escolas Brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.15, supl.2, p.3065-3076, Out. 2010
- SAWAIA, B.(Org.). *As artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2014

